

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

Editorial

Por CECÍLIA AMORIM

Enquanto saboreio o meu café, vejo através dos vidros, o palacete onde esteve instalado o antigo clube «Os Amigos de Fão» e fico a meditar...

Como são bonitos os seus azulejos e o braço, banhado pelo sol, dá-lhe um ar de grandeza que não corresponde ao seu interior.

As portas e janelas fechadas emprestam ao edifício um ar de tristeza e abandono.

Não sei o destino que o espera!

Não sei se ficará fechado indefinidamente à espera que os invernos lhe passem por cima, ou se têm algum projecto para ser aproveitado!

Numa terra onde não abundam muitas construções com esta envergadura, faz pena vê-lo votado ao abandono.

Não poderiam unir-se esforços e ser comprado pela Câmara, para ser um centro cultural?

QUEM ACODE A «OS AMIGOS DE FÃO»?

Em Fão onde vão morrendo aos poucos as iniciativas culturais e recreativas, não seria esta uma única oportunidade de realizar uma obra para bem da comunidade fangureira?

O palacete tem espaço para muita coisa: salão de exposições, biblioteca, sala de convívio, bar e porque não uma boite, no Verão?

Tenho insistido várias vezes na posição do turista. Sei por experiência própria, o que são centros turísticos, e aqui em Fão, não há nada!

Não se exploram as potencialidades do rio, não há um cinema, não há um lugar para convívio, não há uma boite, enfim, realizações de espécie alguma!

O clube «Os Amigos de Fão», que tinha mais de 40 anos, e que foi criado com tanto entusiasmo e carinho, era o único lugar onde os banhistas e fangueiros se encontravam e divertiam; no entanto foi morrendo aos poucos e este ano deram-lhe o golpe de misericórdia.

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DO MÊS

Por ARMANDO SARAIVA

ANTÓNIO DE SÁ PEREIRA

Dois traços memorativos nos ligam ao vulto de António de Sá Pereira. Na nossa infância era um dos maiores da terra, era ele quem dava «que fazer» aos operários de Fão, matando a fome a muitas famílias. Por alturas das obras de Ofir, nos dias da semana, o dinheiro em cima da cama estava até ao tecto.

Essa sedução do poder e do dinheiro exerceu sobre nós um certo fascínio que se aproximou quase do mito.



António de Sá Pereira

Anos mais tarde, quando a sua actividade se centralizou num pequeno escritório de Esposende, se lhe solicitávamos uma boleta, para o fim da tarde, até Fão, era depois o «sr. António» quem nos andava a procurar pelos cafés, esquecendo-se que o interessado éramos nós.

Esta faceta de bom homem e o estatuto de grande empreiteiro que tanto nos impressionou levaram-nos por várias vezes a pensar se não estaríamos em face de uma individualidade passível de figurar na nossa galeria de pessoas diferentes. Interpunham-se no entanto a dúvida e o receio de destacarmos um vulto normal do quotidiano fangueiro, o que nos sobrestava

(Continua na pág. 3)

O CASO DO PARQUE DO HOTEL DO PINHAL

A nossa posição

Temos mantido silêncio face ao caso do parque do Hotel do Pinhal porque partíamos de uma premissa que uns podem achar discutível, outros, errada e alguns, certa.

E qual era a premissa? É que em Fão, quem pretender edificar um hotel sazonal deveria conseguir o terreno de graça se este fosse morto e do domínio público. Similarmente pensou Artur Aires quando, anos atrás, vendeu um terreno na Restinga por tuta e meia ao Carvalho da Confiança e a outros, da cidade do Porto, com a condição exclusiva de ali se fazer um hotel que aliás não foi feito porque na verdade nunca se pretendeu fazê-lo.

Este era o pressuposto de que partíamos e não vamos agora explicar o motivo por que assim pensávamos. Simplesmente aconteceu que alguém andou a espalhar pela vila panfletos a propósito do parque onde era atacada a Presidente da Câmara, o Presidente da Junta, o Zé Artur e onde se desafiava o Director de «O Novo Fangueiro» a tomar posição tendo em conta o seu costumado bairrismo. De certo modo o apelo ao nosso amor pelo bairro foi-nos gratificante por se considerar

que «O Novo Fangueiro» se posiciona como uma referência obrigatória, sempre que despoleta entre nós um acontecimento de interesse local.

Então o que é ou o que foi o caso do parque do Hotel do Pinhal? Tudo começou ou recomeçou (a questão já vem de trás) quando o proprietário do referido hotel, Aníbal Soares, em Setembro passado, mandou estender uma rede, suportada por pilares de cimento, ao longo dos terrenos da Junqueira, avançada sobre o rio, desde o limite nascente do seu hotel até aos extremos da sua casa (lado poente). Praticamente abarcava o antigo campo da Junqueira com extensão para os lados da praia. E mais: ordenou que fosse colocada uma vedação naquele caminho inclinado do lado da fábrica e pegado ao hotel que dava acesso à Junqueira e ao rio, ficando com essa zona para si.

Passadas poucas noites, alguém ou alguéns partiu grande número de postes de cimento que na altura ainda não estavam aramados. Aníbal Soares ripostou, levantando novos postes mais robustos e preenchendo os espaços com uma rede resistente. Gera-se grande agitação na terra, pretende-se tocar os sinos

(Continua na pág. 2)

Editorial

(Continuado da pág. 1)

Não sei, nem é essa a minha intenção saber quem são os responsáveis por tal situação.

Pena é que se tenha chegado a este ponto.

Constou-me que houve uma ordem de despejo, por falta de pagamento das rendas e que não foi contestada.

Porquê? Não estava ninguém interessado em manter o clube aberto?

Não havia da parte das pessoas da terra nenhum interesse no desenvolvimento cultural de Fão?

Em todo o país onde se luta desesperadamente por uma casa, não é para admirar a apatia com que se deixou ir por água abaixo um espaço como este?

E agora o que vai acontecer?

Verifiquei, já este ano, a ausência de muita gente que costumava vir para cá. As pessoas não deixaram de fazer férias, mas procuraram outros lugares onde encontraram diversões e ambiente mais alegre para preencher as horas, quando não estão estendidas na praia.

Esta vila não pode deixar-se afundar culturalmente.

Há muita gente nova, formada em vários sectores, que tem de reagir.

Quanto mais tarde pior, cada vez está tudo mais difícil e se não se tomar agora uma decisão, amanhã será tarde.

Não sei o que levou ao encerramento do clube. Já ouvi várias versões.

Disseram-me que, além dum total desinteresse, houve também uma certa irresponsabilidade. Não se pagaram rendas nem água nem luz e sobretudo ninguém tomou conta do espólio que havia. Tudo ficou abandonado às intempéries, ao vandalismo e ao saque.

Desapareceram livros e outras coisas mais.

Não quis escrever esta crónica sem ir ver com os próprios olhos.

O que vi é quase indescrevível.

É como se tivesse passado por ali um tufão.

Cartas e papelada espalhadas pelo chão, cadeiras e mesas no quintal, já meio destruídas, os frigoríficos completamente desmantelados, vidros partidos, o tecto duma das salas, caído no chão, destruindo tudo quanto apanhou. Ficou tudo soterrado.

Há uma escada derrubada.

Olhando para o tecto nalguns sítios, vê-se a telha com fendas, onde a chuva, no Inverno que se aproxima, vai acabar com o resto. O aspecto é desolador!

Se ninguém lhe acode vai ser um ninho de ratos.

E é pena. Talvez seja a única casa brazonada que existe em Fão e seria «peçada» deixá-la abandonada e entregue a um destino inglório.

Tenho a certeza que, se houver um punhado de pessoas cheias de boa vontade e iniciativa, ainda se poderia chegar a um acordo com os proprietários e reabrir o «Clube». Todos ficariam a ganhar. Os donos, porque

além da renda não viam a destruição do seu património.

O povo de Fão, o comércio, o turismo e principalmente a juventude teriam tudo a ganhar com a sua reabertura.

Pagar-se-iam as rendas atrasadas.

Abordei várias pessoas com alguma influência que apoiariam a iniciativa.

Não vamos deixar arrefecer o assunto.

O Verão está no fim, mas no Inverno não se vai deixar arrefecer este projecto.

Fico à espera que através deste jornal algumas pessoas se pronunciem. Voltarei ao assunto.

CECÍLIA RODRIGUES PAIXÃO DE AMORIM

O CASO DO PARQUE DO HOTEL DO PINHAL

(Continuado da pág. 1)

a rebate, businar a sirene dos bombeiros, alguns mais rezingões vão à Câmara protestar, saiem os tais panfletos e gera-se grande discussão no executivo camarário e na Assembleia Municipal.

Afinal de quem são os terrenos da Junqueira?

Tanto quanto julgamos saber, todo o terreno onde hoje está aquela unidade hoteleira e ainda a casa que foi do dr. José Soares e um pinhal que está ao meio eram do Cupertino de Miranda, falecido há dias, que por sua vez o adquiriu à casa de Bragança. Na escritura de compra feita a esta instituição monárquica, consta que os terrenos iam da estrada ao rio. Dizem-nos (não temos a certeza) que Cupertino tentou, baseado nesse documento, fazer uma cercadura pelo paúl dentro, mas foi intimado a desistir. De qualquer modo ele, que era um grande gestor e financeiro e muito cioso do que lhe pertencia, requereu as respectivas delimitações. Como consequência dessas demarches, o Diário do Governo de 7 de Dezembro de 1957 - II Série - número 285, insere que «por despacho de 12 do corrente foi aprovado no Conselho de Ministros o parecer n.º 2159 de 22 de Maio findo, da Comissão do Domínio Público Marítimo, sobre a delimitação com o domínio público marítimo dos terrenos que Artur Cupertino de Miranda diz possuir no lugar denominado «Rodas», concelho de Esposende».

Vem a seguir a descrição do auto de demarcação que entre outras coisas diz: «tendo-se a comissão deslocado à zona a delimitar, verificou a implantação das estacas e marcos em conformidade com o que consta das actas que constituem o processo, ficando assim feita a demarcação provisória que materializa a determinação em que por unanimidade se acordou o que a comissão propõe para aprovação nos terrenos seguintes».

Segue-se uma descrição técnica da delimitação onde se fala em «níveis de cota», «abacissas», «marcos C e D», «estabelecidos em granito e solidamente encrustados no terreno pela brigada destacada para o local pela secção Topográfica da Repartição de Projectos da Direcção de Aproveitamentos Hidráulicos da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos».

Claro que se trata de uma linguagem técnica de difícil interpretação para nós, mas que um engenheiro amigo nos ajudou a compreender e que se materializa na planta também incerta no referido Diário do Governo e que no próximo jornal se publicará.

É claro que nós temos algumas dúvidas e a primeira que se alinha é a seguinte:

O falecido Eng. Losa conhecia o Diário do

Governo em causa, mas quando o actual proprietário hoteleiro se propôs há três anos e tanto levantar uma cerca, segundo os limites oficialmente desmarcados, embargou-lhe a obra e ele mesmo estabeleceu a demarcação que achou razoável, obrigando o dono do hotel a pagar uma espécie de aluguer, esc.: 11.136\$00, pelos terrenos «ocupados».

Com que direito o fez? Por que teve dúvidas em aceitar aquilo que o Diário do Governo demonstra?

A segunda dúvida que nós queremos ver desfeita é saber por que foi que na altura da construção do Hotel do Pinhal se fixaram limites bem definidos no que diz respeito ao terreno do referido imóvel? Será que a autorização da construção do Hotel do Pinhal obrigou o seu proprietário a restringir os limites da propriedade? Teria havido uma delimitação posterior?

Ainda uma terceira interrogação: como acima afirmamos, Aníbal Soares apossou-se daquela rampa aqui fica no extremo nascente do hotel e que dava para o antigo campo de futebol e para o actual. Ainda são uns bons metros quadrados. Por que não os ocupou o pai do actual proprietário, para proveito da sua unidade hoteleira? Julgamos que esta pergunta pode ser facilmente respondida pelo Serviços Técnicos da Câmara, face à planta do Hotel.

Última pergunta: não se poderia aplicar aos terrenos ora ocupados a figura jurídica da usocapião?

Independentemente do teor das respostas, a nossa tese inicial mantém-se: A vida não deveria ser dificultada aos donos de hotéis sazonais na região, uma vez que isso não vá contender com interesses de terceiros.

P.S. — Na última Assembleia Municipal foi aprovada uma proposta apresentada pelo deputado Manuel Vieira que recomenda à Câmara que todo o processo do parque seja remetido para estudo ao mesmo advogado que está a tratar do «caso Maciel».

No domingo, às 15,30 horas, realizou-se nos Bombeiros uma Assembleia de Freguesia para tratar do caso do parque. Aníbal Soares afirmou documentadamente que os terrenos eram seus. Ninguém o contradisse.

ENTRE NÓS

Esteve entre nós por pouco tempo o nosso conterrâneo Boaventura Barros Paixoto, domiciliado profissionalmente no Canadá.

— Durante um mês estanciou igualmente na nossa terra, acompanhado de sua esposa, o nosso conterrâneo Ermídio Barros Peixoto.

Parece que é sua intenção deslocar-se definitivamente para Portugal dentro de algum tempo e construir um imóvel para hotelaria.

Longa Vida



o que é bom da natureza

ANTÓNIO DE SÁ PEREIRA

(Continuado da pág.1)

quando, no decurso das nossas deambulações, fala aqui, ouve acolá, uma frase, ouvida a alguém, nos espevitou: «António de Sá Pereira chegou a ser o maior empreiteiro do Norte». Alto aí. O facto de termos um conterrâneo (esclareça-se que nasceu em Gandra) que foi o maior em qualquer coisa bastou para desfazermos os anteriores receios e o trazermos sem qualquer reбуço para as colunas de «O Novo Fangueiro».

Começaremos por dizer que algumas pessoas, quando inquiridas sobre esta valia comparada, entenderam por bem corrigir a frase «o maior empreiteiro do Norte» por «um dos mais cotados do país». Ao fim e ao cabo as expressões equivalem-se.

Muito jovem, ia a pé trabalhar para Caminha, na companhia do seu amigo Felgueiras, também de Gandra, de quem viria a ser cunhado, tempos depois. Começou a «aprender a arte» com o pai do «mestre» Cândido que mais tarde se tornaria seu sócio na firma «Reis e Sá» que se aguentou alguns anos. Separaram-se mas continuaram bons amigos pela vida fora.

O nome de Sá Pereira, a sua competência e seriedade foram ganhando fama e a adjudicação de obras de vulto foi a consequência do bom nome adquirido. Lembremos algumas: as primeiras casas de Ofir, treze, se os nossos apontamentos estão

certos, o Hotel Ofir, o Suave Mar, Seca do Bacalhau em Vila do Conde, Casas da Guarda Florestal em Vieira do Minho, Estação Radiogoniométrica de Apúlia, Quartel de Gualtar, várias dezenas de escolas ao abrigo do Plano dos Centenários e muitos outros edifícios espalhados sobretudo no norte.

Na sequência desta enumeração, e dados os sinais exteriores da riqueza de alguns actuais empreiteiros, nenhum deles com a carteira de encomendas de Sá Pereira, é de supor que tivesse morrido em meio de forte abastança. Mas não. A única coisa que deixou à família foi uma casa razoável.

Como foi isso? Deram-nos várias respostas e curiosamente todas elas confluem numa frase lapidária que nos foi transmitida por um seu confrade: «Foi mais técnico do que gestor e mais artista que técnico». Na verdade ele punha em todas as construções o mesmo desvelo que um artista coloca nas suas obras. Esmerava-se nos acabamentos e às vezes acrescentava por sua conta uma adenda que não constava do caderno de encargos. Foi o caso de duas casas feitas em Esposende. A obra ficou concluída e o dinheiro entregue. Logo a seguir, aparece um cliente de Valença que pretendia uma casa semelhante às duas já feitas a que acrescentou certos pormenores que sobremodo a enriqueciam. Concluído o edifício, Sá Pereira mandou acrescentar por sua conta esses mesmos retoques nas duas casas que já tinham sido entregues há muito aos respectivos proprietários. Cada obra era um pedaço de poema que brotava da sua sensibilidade e ele remirava-se com prazer naquilo que construía.

Segundo nos contaram familiares, as escolas deram-lhe prejuízo. No primeiro concurso a inflação surpreendeu os orçamentos dos empreiteiros que no entanto foram indemnizados por Duarte Pacheco, Ministro das Obras Públicas de então. Em 1947 há novo concurso para outras escolas mas os empreiteiros arrezeiam-se. Foi-lhes prometido que se houvesse aumento do custo de vida (sempre inferior ao de agora), seriam indemnizados. Sá Pereira concorre, perde dinheiro novamente, mas desta vez não foi reembolsado. Assumiu as dívidas (cerca de 1200 contos) que foi pagando aos poucos, mas ao fim de 20 anos podia considerar-se «livre e alodial».

Adjacente a uma bondade nata, era honesto, isto é, era honesto porque era bom, incapaz de querer ou fazer mal fosse a quem

fosse. Uma ocasião foi receber dinheiro a um banco. Em casa, feitas as contas, verificou que tinha dinheiro a mais, cerca de 15 contos. Pensou e concluiu: «só pode ser o caixa do banco». Ao outro dia foi levar o dinheiro ao homem que tinha passado uma noite em branco. Pudera! Naquele tempo 15 contos eram mais que o ordenado de 12 meses.

Consideravam-no também um desprendido. Outra ocasião foi ao Porto receber um dinheiro proveniente do Ministério das Obras Públicas. Eram quatrocentos contos que lhe foram entregues num pacote bem embrulhado. Ao contrário do que lhe era habitual, veio para Fão de camioneta, que naqueles tempos havia falta de gasolina. Chegado a casa, deu-se conta de que tinha deixado na carreira o «embrulho».

Telefonou então para a garagem de Linhares. Atende-o o Zé Folheteira.

— Menino, não ficou na camioneta um embrulho?

— Ficou, ficou, sr. António.

— Guarda isso aí que eu amanhã vou buscar.

Digamos que era um despreocupado e daí uma certa bonacheirice. Curiosamente vivia de costas voltadas para Fão, embora morasse no centro da freguesia, embora tivesse sido bombeiro fundador e secretário da Junta durante muitos anos com Albino Torres na presidência. As suas «fugas» eram para o Porto ou Esposende. Na cidade invicta chegou a ter mesa «privativa» no Guarany onde ia «assinar o ponto». Os empregados de mesa sabiam indicar a quem lhes perguntava onde estaria o sr. Sá Pereira. Era à mesa do café que os empreiteiros ajustavam negócios, combinavam estratégias para os concursos e faziam espionagem uns sobre os outros.

Passados os anos de esplendor, as suas visitas viraram-se para Esposende onde não falava também um dia, quer ele chovesse quer fizesse sol. Primorosa, Casa Braga e Nélia eram seus santuários predilectos.

Não tinha inimigos, diz dele uma pessoa que o conheceu de perto. E acrescentou: era um empreiteiro competente e uma pessoa honesta.

Demasiado brando e tolerante, muita gente se encheu à sua custa, asseveram-nos outros contemporâneos. Era roubado, sabia isso, conhecia quem o prejudicava mas não mandou nunca alguém embora. Em época de crise de trabalho chegava a pagar uma renda mínima aos seus desempregados. Como agente de uma companhia de seguros, aceitava pagamentos em letras e depois liquidava de seu bolso os juros de reforma. Por tudo isto e com uma mistura de ironia e carinho era referenciado no milieuo pelo Padrinho.

Morreu já com uma idade avançada, sempre a trabalhar, que a sua forma de estar na vida não lhe proporcionou umas férias de aposentação.

A BRASILEIRA
PORTO



Nós somos café

★★★★★

estalagem
PARQUE
DO RIO

OFIR
PORTUGAL



UM LUGAR TRANQUILO

Tel. 961521-2-3-4 — Telex 32066

FALECIMENTO

No dia 13 de Outubro faleceu em Fão Elisa José de Faria vítima de doença incurável.

O seu funeral realizou-se no dia 5 com grande acompanhamento de pessoas.

Aos familiares os nossos pêsames.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

LAURENTINA VELOSO FERNANDES
TORRES LOSA FARIA, Presidente da Câmara
Municipal de Esposende:

FAZ SABER que, de harmonia com a de-
liberação desta Câmara Municipal, tomada
em sua reunião de 22 do corrente mês, se
procederá à venda em HASTA PÚBLICA dos
seguintes lotes de terreno para construção,
localizados na zona centro da vila de Espos-
sende, devidamente infraestruturados:

LOTES números 1 - 7 - 10 - 11.

A base de licitação é a seguinte:

— Lote número 1 ...	19.606.950\$00
— Lote número 7 ...	14.880.552\$00
— lote número 10 ..	16.334.450\$00
— Lote número 11 .	17.484.500\$00

A hasta pública terá lugar no edifício dos
Paços do Concelho, pelas 15 horas do dia 17
do próximo mês de Outubro.

Não serão permitidos lanços inferiores a
100.000\$00.

A venda destes lotes de terreno regula-
-se pelas condições especiais estabelecidas
e aprovadas pela Câmara Municipal na reu-
-nião de 30 de Julho de 1987, encontrando-
-se as mesmas patentes ao público na
Repartição Administrativa e Financeira —
Secção Administrativa — de segunda a
sexta-feira, durante as horas normais de ex-
pediente.

Para constar e devidos efeitos se publica
o presente EDITAL e outros de igual teor que
vão ser afixados nos lugares públicos do
costume.

Esposende, 28 de Setembro de 1988.

A Presidente da Câmara,

Laurentina Veloso Fernandes Torres Losa
Faria

Inglese regressam a Fão

Um testemunho de bem receber

*Há vinte anos, Mr and Mrs D. Chard, um
casal de ingleses passou férias no Hotel de
Ofir-Fão. As noites, passava-as, invariavel-
mente, no Café do Rio, em franca alegria,
na altura explorado pela Família Peixoto.*

*Quando partiu, levou um cartão de vi-
sita da família que, passados vinte anos,
ainda possui.*

*Ei-los de novo em Ofir e apressaram-se
a procurar o Café do Rio e as noites «quen-
tes» de então.*

*O casal encontrou a família Peixoto, o
Café do Rio, mas muitas coisas mudaram,
dizem eles.*

*Procuraram as lavadeiras do rio, o pro-
fessor que fazia caricaturas — alusão do sr.
dr. Alceu e outros amigos que já partiram
e que com eles ficavam até de madrugada,
cantando e contando histórias políticas e de
África — auge da guerra colonial.*

*Sentem-se felizes, dizem eles, por verem
que a vida fangueira mudou e Fão evoluiu.
Mas as noites são diferentes e já não vale a
pena sair do Hotel.*

*No próximo ano voltarão com outros
amigos dos anos sessenta.*

*A hospitalidade da gente fangueira dei-
xa marcas profundas em quem nos visita!
Um testemunho!*

Pelo Hospital

Há dias fomos fazer uma ecografia ao Hospital
de Fão. Eram dez e pico. Pouco tempo esperámos.
Nada daquelas bichas ou demoras terríveis dos mé-
dios ou grandes centros. Foi praticamente chegar
e andar. Depois a passo e espreitando na montra
do marinho, dois dedos de conversa com o Sr. João,
chegamos a casa. Com grande surpresa nossa, já lá
estava um envelope timbrado do Hospital com o
resultado do exame. Isto não acontece em nenhuma
parte do mundo. Houve, é certo, o amável vo-
luntarismo do funcionário Palma Rios.

Correspondência de Apúlia

*Não nos foi possível publicar hoje a cor-
respondência de Apúlia. Pelo facto pedimos
desculpa ao nosso correspondente e assinan-
te apulense.*

MULHER ANJO

I
Não nasceu num berço de ouro
nem sequer é uma princesa.

É a mulher ideal
e reluz no firmamento,
brilha como um tesouro,
nem sequer é uma princesa,
nem rainha de beleza.

II

É sabido que não ama,
mas, a sua imagem seduz
a toda a hora e momento,
não se sabe a sua graça
mas seu olhar é uma chama,
nem sequer é uma princesa
nem estrela de grandeza.

III

A imagem que a nuvem deu
é branca, pura, doce e leve
com todos os pergaminhos
mas sem asas, como anjinhos
que têm assento no Céu,
nem sequer é uma princesa
mas é Anjo com certeza.

ZÉ NA NOCA
11/05/84

AVISO IMPORTANTE

Se for numa quarta-feira ao restau-
-rante do Rio, não peça Poisson guarni à
la Portuguesa nem Petits patés farcis à
Fão, nem Ragout de poulet aux petits
pois, tão pouco Veau roti à la jardinière.

Exija antes RANCHO e conhecerá o
verdadeiro manjar dos Anjos.

Av. Manuel Pais — Fão
Tel. 961651

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- ÓCULOS DE SOL
- APARELHOS DE PRECISÃO

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Cá estamos uma vez mais a comunicar convosco. Desejamos a todos um ano lectivo óptimo, mas também um pouquinho de colaboração com a vossa página...

JARDINS DE ESPUMA

Por PEDRO LOBISA

(Conclusão)

Enormes uivos de vento lembravam um choro raivoso. Todo o céu se torcia em convulsões rápidas e terríveis. O sol invadiu a areia e curvou sobre ela os restos de morte que teimavam em manter-se no novo paraíso puro e colorido, criado ali, naquele momento, em dois segundos de apocalipse.

Luís estacou e ergueu a cabeça, inundada de suor. Enormes montanhas brancas cercavam-no de todos os lados. Um suave hino musical principiou a ouvir-se. De repente, a calmaria. O silêncio tranquilizador da vitória envolveu aquele oásis de calma e paz, único local do mundo onde a vida vencera a morte, numa rápida e cruel luta.

Luís não sentiu mais nada.

A miragem (seria?) tinha terminado.

FIM

POESIA

*Folba após folba,
rasgo as poesias,
que escrevi em momentos de loucura.
Não valem nada,
são frases absurdas,
jogadas ao acaso.
São o espelho da alma,
o reflexo do luar,
que brilha em mim.
É uma complexidade: simples.
Alguma coisa que os outros
pensam entender.
Mas que ninguém imagina,
o que possa ser.
É uma obscuridade,
entranhada na luz.
Uma rouquidão,
contida num grito.
É esta a minha poesia,
que de poesia só tem o nome.
Como eu de nome só tenho cinco letras.
Destroços de tempos passados,
que hoje tento arrastar,
são insignificantes desejos,
são vontades,
que ficam só nas metades.
Quanta força me dá a poesia!
Sem ela não poderia sonbar,
e o sonho...
é o alimento da vida!*

PAULA SANTOS

PAUSA PARA SORRIR

Uma leiteira costumava deixar à porta de uma ciente uma garrafa de leite. Um dia, a cliente foi viajar e deixou o seguinte aviso à leiteira: — «Vou viajar. Não deixe aqui nada».

Quando regressou, qual a sua surpresa ao verificar que os ladrões tinham deixado a casa vazia, e um bilhete em que dizia: — «Desculpe termos deixado o piano. Era muito pesado».

☆

Um patrão está a contratar um novo empregado. Diz-lhe:

— «Para já, o senhor fica a ganhar 12.000\$00, mas daqui a um ano passa a ganhar 24.000\$00.»

Responde o empregado, muito depressa:

— «Então o senhor faz o favor de me guardar o emprego, que de hoje a um ano eu volto cá...»

☆

Na Aviação. Um instrutor ensina a servir-se do paraquedas um futuro paraquedista:

— «A 3.000 metros de altura, você salta do aparelho e puxa o cordão do paraquedas, que se abre imediatamente».

Indeciso, o recruta, pergunta:

— «E se não abrir?»

O instrutor fica um pouco embaraçado, coça a cabeça, e por fim responde:

— «Se não abrir, nós vamos ao armazém e damos-lhe outro!...»

☆

A patroa observa a empregada doméstica que está a dar corda a um relógio de parede:

— «Maria, porque deu tão pouca corda ao relógio? Se lha desse toda, dava para oito dias!»

Responde a empregada:

— «Pois é. Mas como amanhã me vou embora, não estou para fazer o serviço da que vier».



Desenho de Isabel M.

SONHO

Estava triste e a chorar
Presa à solidão,
Quando senti alguém chamar,
Como que do fundo do coração.
Eras tu! Estavas num escuro
E profundo labirinto.
Corri para teus braços
Que permaneciam longe,
Longe e cada vez mais...
A distância aumentava
E minhas pernas, meus músculos,
Meus tecidos, prendiam-se,
Mas...
Ah! Soltando-me das algemas
Que me amarravam naquela solidão,
Naquele véu negro, naquela penumbra
Angustiosa,
Corri, corri, corri...
Correndo cheguei até ti,
Mas... quando lá cheguei
Entristeci novamente,
Porque...
... Acordei!

LUÍSA DE CAMÕES

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

Impetus

SOLO EMÍDIO

Morreu o Solo!

O Solo Emídio — a quem só chamaram Solo — morreu atropelado por uma motorizada, no cruzamento de Forjães, em 15 de Setembro de 1988.

Era natural de Durrães e tinha cerca de 75 anos. Semi-demente, ficou solteiro e tinha duas particularidades pelas quais toda a gente o conhecia: — tinha a paixão de desenhar e ouvir música.

Munido de uma sacola onde fazia reserva de pão de milho e outros comestíveis que as populações lhe ofereciam, trazia sempre consigo papel e lápis, entretendo o tempo — e os numerosos mirones — a desenhar igrejas e monumentos, a caricaturar pessoas...

Nas festas e romarias acompanhava as bandas de música, imitando os gestos dos «maestros», enquanto escutava, embevecido, as populares rapsódias.

Foi no café Hermes, em Barroselas, onde tantas vezes o vimos, que nos deram a notícia do desastre que o vitimou.

E aqui estamos a lembrá-lo, figura popular que sempre foi e que nos habituamos a ver, desde os tempos da infância.



CANOAGEM

Os Campeonatos Nacionais de Velocidade terminaram já e o Náutico de Fão afirmou-se como um dos melhores Clubes portugueses, com especial realce para a categoria de Cadetes.

Belmira Penetra, Carlos Silva, Pedro Abreu, João Anunciação e Agostinho Neto evidenciaram-se nas embarcações que tripularam e em femininos Célia e Fátima Novo, Joana Seara e Lúcia Lagoela tiveram também boa presença.

Emílio Araújo em C1, Lázaro Penetra, Carlos Vieira e Gustavo Costa afirmaram-se também, bem como Alberto Lagoela e Jorge Lima em Juniores.

A tripulação mais modesta foi sem dúvida a dos Infantis masculinos mas que foram a todas.

Importa agora que melhores condições

sejam oferecidas a este Clube para que os jovens possam desenvolver as suas potencialidades.

FÉRIAS DESPORTIVAS

Os jovens do Náutico de Fão desenvolveram durante o Verão algumas iniciativas interessantes.

Durante o mês de Julho estiveram várias vezes no Rio Neiva e conviveram com os alunos da Escola Preparatória de Forjães a quem mostraram o que era a canoagem.

Fizeram montanhismo e escalaram o Monte de Faro. Levaram a efeito um Concurso de Pesca no Rio que foi ganho por Artur Silva um canoista infantil.

PEDREIRAS também é FÃO

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

Visitar as Pedreiras, particularmente o Caldeirão, caminhar sobre o paredão que segura o ímpeto das águas do Cávado, parar para contemplar o pôr-do-sol que se esconde por trás do casario fangueiro destacando a sua silhueta que ao mesmo tempo se reflecte nas águas do rio.

É um espectáculo maravilhoso e de rara beleza, mas que nem todos os fangueiros tiveram o privilégio de admirar.

Mas como explicar tal fenómeno?

Eu diria que devido ao mau acesso que tem o local. Se tivermos em conta que alguém que ali vá de carro, não terá espaço para manobrar a sua viatura, e portanto terá que a conduzir de marcha atrás umas boas dezenas de metros, e se a juntar a tudo isto imaginassem que ali se encontrassem três ou quatro viaturas ao mesmo tempo, era o fim do mundo.

À primeira vista parecerá um problema monstruoso, de difícil solução, como tantos outros que por aí há.

Mas na verdade é um problema fácil de se resolver, e só não está solucionado por falta de vontade das autoridades e por mais caricato que pareça sem dispêndio de qualquer verba.

Para aqueles que não conhecem o local, eu direi que no mesmo sítio onde hoje está construído o paredão, existiu ali um outro muito mais velho, que o tempo e a força das águas foram aos poucos destruindo. No Inverno o ímpeto das águas galgava o velho paredão destruindo em seguida os terrenos que encontrava à sua frente.

Depois da construção do novo paredão, feito agora com mais segurança, ficou um espaço entre o paredão e a anterior margem, espaço esse que poderemos chamar-lhe enseada.

Quando a maré sobe, a água entra pelo extremo do paredão inundando aquele espaço, trazendo com ela toda a espécie de porcaria que ali deposita.

Quando as águas se retiram, aquilo mais parece uma lixeira.

Ora o bom senso aconselha que se faça o aterro daquele espaço porque não só se acabaria com aquela lixeira como se criaria espaço para todos aqueles que quisessem visitar o local.

Falou-se em trazer para ali o desaterro da obra a efectuar no salão paroquial, e parece que foi pedido para que todos aqueles que tivessem entulho o lá despejassem.

Assim começou a fazer-se o aterro da chamada doca, sem que para isso as autoridades dispendessem qualquer verba. Só que foi sol de pouca dura: sem qualquer explicação, foi simplesmente proibido lá deitar aterro, sei que isso carece de uma autorização dos serviços das hidráulicas.

Mas será assim tão difícil obter essa autorização?

Tudo quanto sei é que os responsáveis por aqueles serviços são pessoas de fácil acesso e bastante compreensivas e tudo fariam para facilitar tal obra, se para tal lhes fosse solicitado.

Fão merece mais esforço do que aquele que lhe dispensamos.



Pedro Abreu e João Anunciação. Uma dupla que brilhou esta época

PONTOS DE VISTA

Por QUIM DE FÃO

★ Num «meeting» ao ar livre disse-se à boca-cheia que há um «comboio» no pinhal de Fão a lançar os esgotos das fossas, na rede pública de águas pluviais.

As bocas dos tubos estão localizadas mais ou menos na Junqueira, junto ao campo de futebol dos «reformados».

★ As chuteiras destes barrigudos não precisam de meias-solas. Basta o «salário» que sai dos canos...

Estes esgotos e outros «tão graúdos» bem como os tractores externos vão engrossando, enegrecendo e conspurcando o pobre Cávado.

A água que era tão límpida e brilhante parece «do monte» mesmo no estio.

★ Moscas e mosquitos foram este ano uma praga. Quem nos acode!

★ Para o próximo número há mais. Não devolvam o jornal. Não me chamem «crítico construtivo». Eu não gosto. Fui sempre do contra, mas com a minha razão ou razões.

★ Qualquer dia começo só a fazer elogios ao homem. Mas como ainda faltam dois anos... Temos tempo.

★ A verdade é que o trabalho se vê. Só quem não quer... não vê.

★ Acima de tudo «a minha terra». Viva Fão!

«Prece». «Roguem ao Senhor». Para que os responsáveis pelas Instituições da nossa terra enterrem «o machado de guerra» e dêem as mãos num «empurrão» da nossa adormecida vila.

«Esquecer as ofensas» é uma «obra de misericórdia». Então Irmãos? Como é? Só paulada, paulada e mais paulada.

O Boletim Informativo não informa. Bate que se farta. É uma «Obra de Misericórdia»?

Jesus levou numa face e deu a outra. Façam a covinha e metam lá o machado de guerra...

★ Afinal a luz parece que já se vê no fundo do tunel e será transporta a sul do Infartário.

Os utentes do Infartário e não só têm razão. Aquela rua, à noite, é de cortar à faca.

★ Também soubemos que não é por falta de verba que a E.D.P. não põe lá a luz.

★ As crianças utentes de tão prestimosa instituição — O Infartário — sofrem as birras dos adultos.

★ Oxalá essas crianças e os pais sejam todos vivos e esprentinhos daqui por dois anos...

★ Quase, quase de certeza que o «machado» de guerra» que há tempos a esta parte tem feito chi-pa irá ser enterrado. A ilustre e pacífica Presidente da Câmara não tem «pedras no sapato». Colabora, apoia e até já deu um subsídio.

★ Por que não a senhora Presidente encabeçar a lista para um jantar onde «benza» os desavindos? Eu não vou. Estou de dieta. E não estou desavindo com ninguém. Mas apoio e posso ajudar a apaziguar os jovens em sanha.

★ Parece que não, mas é essa a função dos «Pontos de Vista».

★ O homem é limitado. Tem amor-próprio. Mas quando serve uma instituição, quando está ao serviço duma Comunidade, deve esquecer os problemas pessoais, devem aceitar as críticas e dar o seu máximo pela Comunidade que se prestou a servir. É o Presidente A ou B e não o senhor A ou B.

Pobres dos nossos políticos se não pensassem assim.

★ Andar à batatada linguística é prato forte que na «sombra» agitam os precipitados...

Serão lídimos representantes ou fazem-se?

★ Já não somos cabeça do pelotão. Já não lidamos coisa nenhuma. Nem a zona de Ofir nos vale.

★ Quando muito, os terceiros. Esposende a Norte, Apúlia a Sul começam a «ensanduiçar-nos» e lá desaparece a nossa terrinha. Vai-nos valendo o Hospital que, quer queiram quer não, pulsa à cabeça do nosso concelho. Ao menos isso. Ia-me esquecendo dos nossos Bombeiros. Sempre temos, afinal, alguma coisa para sermos vila, sem ser «Miséria».

★ Escola de Guitarras e instrumentos afins será uma realidade, em breve, na nossa terra.

★ Esta Escola vai ter o apoio das autarquias (Junta e Câmara).

★ Mário Belo e acompanhantes partiram em viagem de trabalho pela Europa. Junto de comunidades estrangeiras e de emigrantes foram levar as «pedrinha do Cais» nas guitarras e na voz do Albano Silva.

★ Em França, na Bélgica e em Espanha foram embaixadores do fado castiço, dos cantares de Fão e pretenderam com o apoio do Hotel Nélia e Câmara Municipal (Turismo) promover a zona de Ofir-Esposende.

★ É de felicitar estas iniciativas e aplaudir a Junta de Freguesia por não se esquecer de dar apoio à Cultura.

★ As noites fangueiras, sobretudo no Verão, deveriam ser reactivadas, mesmo que o Turismo tivesse de suportar as despesas das realizações.

★ A Sopete, proprietária do Hotel Ofir, ganhou uma luta. A concessão do «Jogo» na Póvoa de Varzim.

★ A nós, fangueiros, interessou que aquela concessionária fosse escolhida, pois poderá ser que ela, Sopete, comece a subsidiar com «alguns tostões» festas com carácter turístico, futebol e por que não a Escola de Música?

★ Será que a autarquia já lhe pediu alguma coisa?

★ Já que falamos da Sopete e Hotel Ofir, não haverá quem dê um arranjo mais condigno àqueles jardins, em frente do Hotel?

★ No tempo do sr. Inácio, os jardins sempre viam a tesoura e umas flores.

★ A letra não diz com a careta... Precisa-se de jardineiro... jardineiro (só) para aquela área envolvente.

★ Tem-se falado muito de uma vedação ao parque de estacionamento do Hotel do Pinhal.

★ Não acreditamos que seja clandestina.

★ Mas há clandestinos na zonal Alguém reagiu?

★ Quando fui funcionário daquela unidade em 01/63. Já aquele parque de estacionamento estava projectado, embora com outro arranjo. Dizia-se mesmo que a fachada voltada para o rio, seria a frente do Hotel e o acesso dos hóspedes-passantes.

★ Se os assaltos aos carros dos hóspedes, na actual frente do hotel, são frequentes, o que se pode esperar senão proteger os clientes com um parque?

★ Parece-nos, no entanto, que a entrada para o

parque não deveria ser naquele local — junto à estrada do mar — mas ao fundo da descida. Assim, facilitava a passagem aos carros «Tira-picos»...

★ O parque poderia ser público e com vigilância efectiva.

★ Enquanto a urbanização do local não está terminada, os comentários serão a destempo.

★ Mal vai o mundo e as associações quando interesses particulares se sobrepõem aos colectivos.

★ Saiu o P.D.T. (Plano Director de Turismo). Oxalá não tenha saído a fava a Fão e a prenda a Apúlia. Tudo que se fizer, de agora em diante, terá como suporte o desenvolvimento turístico da zona.

★ A criança (P.D.T.) ainda não deu os primeiros gritos. Mas precisa que a ensinam a dar os primeiros passos, quanto antes.

★ Há necessidade de colocar as pessoas certas nos lugares certos e a nossa autarquia esposende precisa de alguém com cabeça, tronco e membros para director do Turismo.

★ Vamos procurar documentar-nos sobre o assunto para melhor sugerir algumas realizações que reanimem as noites fangueiras como nos «bons velhos tempos».

★ Que o P.D.T. não entrave a construção de novos fogos e a industrialização (não poluente) de novas unidades.

★ Que se acabe com determinadas zonas proibitivas de construção para alguns, com os dois mil metros obrigatórios na zona de Ofir, e que não haja só «pulmão» em Fão, enquanto em terras vizinhas e também com potencialidades turísticas não se pensa no «pulmão». Será Fão um sanatório? Doentes há muitos... mas não são pulmonares...

★ Liberte-se a construção! Enquadrada, claro está, na área envolvente. Nada de caixotes ou marmarrachos.

Constantino Araújo

Como foi amplamente noticiado deus há uns meses atrás o passamento deste nosso amigo e profícuo hoteleiro Constantino Araújo.

Foi uma das pessoas que mais trabalhou pelo desenvolvimento turístico do norte.

Foi ele, aliás de parceria com Rui Gomes, quem abriu para a Costa Verde, com incidência principal em Ofir, os mercados turísticos de América, de Bélgica e de Alemanha, numa altura — década de sessenta — em que os hoteleiros, por sua exclusiva iniciativa, tentavam dar a conhecer ao mundo turístico as belezas desta zona desconhecida, sobrepondo-se assim às agências de viagens pouco interessadas no mercado do Norte.

Como dissemos em tempos, ganharam prestígio e justa fama os Carnavais e Fins de Ano em Ofir devido ao nível de artistas e orquestras apresentadas.

Quando se vê serem distribuídas medalhas de mérito turístico ou outras honrarias, custa-nos aceitar que uma região que Constantino Araújo tanto prestigiou e ajudou a desenvolver não promovia uma homenagem que seria justíssima.

Tanto quanto soubemos durante todos estes anos só uma entidade, o Rotary Club de Braga, ofereceu um jantar de homenagem ao empenho revelado por Constantino Araújo pelo Norte do país.

Do Brasil

Seu Manel Lemos já cá está. Em casa do compadre Adelino Saraiva como sempre. Encontra-se encantado da vida, entre amigos que considera, numa terra que muito estima. Já nos disse que recebe «O Novo Fangueiro» agora com assiduidade e lê-o todinho.

A este amigo apetecemos uma boa estadia.



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o

HP HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhotas. Terras. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

Pagaram a assinatura

1986 - Manuel Ramos Ferreira, Famalicão, 500\$00; 1986/87/88 - Abel da Costa, Fão, 1500\$00; 1987/88 - Fernando Jorge Lima Marques, Braga, 1000\$00; António Alberto Teixeira da Silva, Espoende, 1500\$00; Inácio Palmeira, Fão, 1000\$00; Dr. Juiz José Ramos da Fonseca, Fão, 1000\$00; 1988 - Miguel Guedes Machado, Braga, 500\$00; Adelino de Sousa Martins, Espoende, 500\$00; Manuel Miranda, Brasil, 1000\$00; Prof. Elias Lopes Cardoso, Fão, 500\$00; Sapataria Silmar, Espoende, 1000\$00; António de Sousa Pedrosa, Apúlia, 500\$00; Dr. José Manuel Borda Rodrigues, Porto, 500\$00; Manuel Pires do Monte, Fão, 500\$00; Manuel Faria Solinho, Braga, 1000\$00; D. M.^a Elizabeth Barrote Meira, Viana do Castelo, 500\$00; Luís Eduardo Nogueira Nunes, Porto, 500\$00; Armando Solinho, Fão, 1000\$00; D. M.^a Isabel da Costa Gonçalves, Porto, 500\$00; D. Catarina Assunção Costa Gonçalves, Póvoa, 500\$00; Domingos Reis d'Assunção, Fão, 500\$00; Manuel Neves Ribeiro, Fão, 500\$00; Carlos Alberto Graça Peixoto, Fão, 500\$00; D. Aida Mariz Mendes, Porto, 500\$00; Dr. Joaquim Soares, Fão, 500\$00; 1988/89 - Valdemar Machado Viana, Brasil, 2000\$00.

Promoção no estrangeiro

Com o patrocínio do Hotel Nélia e do Turismo concelbo, deslocou-se ao estrangeiro em digressão de propaganda turística um grupo artístico constituído pela Ronda de Vilachã, pelo guitarrista fangueiro Mário Belo e o fadista Albano Silva. Houve actuações em Louvain, Paris e Vigo.

Estranhamos que em tal acção estivesse empenhada apenas uma única unidade hoteleira quando se esperava que houvesse uma frente unida dos hoteleiros locais para uma ampla divulgação das potencialidades turísticas do concelbo, tanto mais que se verificou a comparticipação de um organismo camarário.

Entretanto nesta ponta inicial do Outono quente os hotéis apresentam-se agradavelmente ocupados e enquanto a coisa der...

AUMENTE O SEU COLESTEROL

Antes de mais, temos que pedir desculpa pelo lapso havido nos «BOLINHOS ATREVIDOS» do mês passado. Como devem ter notado, faltava o açúcar: são 125 gramas. As nossas desculpas. Isto as férias...

Vamos hoje dar a receita da

MASSA RÁPIDA:

Esparguete — q.b.

Coze-se a massa em bastante água e com sal. Escorra-se e deita-se-lhe dentro uma mistura previamente preparada, que é o seguinte: põe-se a alourar numa caçarola manteiga (ou margarina). Quando estiver quente, deita-se dentro carne picada, cenoura ralada, tomate cortado aos bocadinhos sem pele nem pevides, pimento da mesma maneira, alho francês, cebola, salsa e couve branca tudo cortado muito miudinho. Mexe-se bem e deixa-se alourar.

Depois de pronto, deita-se no tacho onde está a massa, acabada de cozer e já escorrida, mistura-se tudo muito bem e serve-se, acompanhado com molho de tomate.

E para sobremesa, o

PUDIM DE FARINHA MILHA

Fervem-se 200 gramas de leite com 200 de açúcar e canela q.b. Tira-se do lume e, quando estiver morno, junta-se a farinha de milho e 6 gemas de ovos previamente batidas.

(A farinha de milho é a necessária para engrossar, por isso não se indica peso exacto.)

Vai ao lume a cozer, até ficar uma mas-

sa consistente. Tira-se, então, e deita-se numa forma bem untada com manteiga (ou margarina), que se põe depois em água fria, para arrefecer o pudim. Pode, quando estiver quase frio, acabar de o arrefecer no frigorífico.

Estimando uma boa subidinha do colesterol, despedimo-nos, com o habitual abraço da

TIA MARIQUINHAS.

NATUREZA

*Pensar muito não consigo
Se contemplo a Natureza:
Em êxtase logo eu fico
Ao ver a sua grandeza!*

*Na sua contínua lida,
Se morre, volta a nascer:
Para viver outra vida
Torna a rejuvenescer!*

*E sempre em laboração,
Mesmo assim não se afadiga;
Para o Homem ter o pão
Ela multiplica a espiga!*

*Aceitar a Natureza
Sem que logo pense em Deus,
Podem já ter a certeza:
Não são pensamentos meus.*

Porto, 12-7-1984

FLORINDA

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telefs. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A nossa coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país. Esta obra invulgar utiliza-se feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como de especialidade. Enriquesce não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 365/4099 PORTO CODEX
Livraria ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX
EMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8 A/1200 LISBOA

FOLHA AGRÍCOLA

por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DA CEBOLA

(Continuado do número anterior)

Vermelha de Penafiel — Bolbo de tamanho médio, ligeiramente deprimido, com películas de coloração vermelho-púrpura e polpa arroxeadada e consistente.

Algumas das variedades descritas não são nacionais mas desenvolvem-se e

produzem bem em várias regiões do nosso país. No entanto, é conveniente uma chamada de atenção para o facto da importação de novas variedades estrangeiras poder conduzir a fracassos com a respectiva cultura, devido a dificuldades de adaptação. Na verdade, como adiante se verá, as numerosas variedades de cebola evidenciam exigências diferentes quanto à temperatura e, sobretudo, quanto à duração do período diário da luz.

Nos E.U.A. e em alguns outros países são vendidas embalagens de cebola desidratada. Uma das variedades mais adequadas para esse fim é a EBENEZER, não cultivada nem experimentada ainda, que sabemos, em Portugal.

9) SEMENTEIRAS:

A *sementeira em viveiro* é o processo mais usado no nosso país bem como na maior parte das regiões produtoras de cebola em Espanha. Tem a vantagem de com ele se conseguir melhores garantias para produzir «cebolas» bem conformadas e de tamanho mais uniforme.

10) ÉPOCAS DE SEMENTEIRA:

Estas variam com as regiões e as próprias variedades.

No nosso país aconselhamos:

a) — *No Norte*: — De fins de Outubro a princípios de Dezembro.

b) — *No Centro*: — Prolonga-se de Outubro a Março. As variedades temporãs são semeadas mais cedo.

A *variedade de Setúbal* pode ser semeada a partir da 2.ª quinzena de Agosto.

c) — *No Sul*: — Em Setembro e Outubro para as variedades de ciclo vegetativo longo.

As variedades *De Paris* e *Da Rainha* podem ser semeadas de 15 de Agosto a fins de Outubro.

As variedades *Garrafal*, *De Setúbal*, *Das Virtudes* serão semeadas de fins de Agosto a fins de Janeiro.

As variedades *Saloia* e *Valenciana* semeiam-se de princípios de Outubro a fins de Fevereiro, conforme as respectivas regiões.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Aducos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

11) TRANSPLANTAÇÃO:

As plantinhas devem ser transplantadas quando tem uma grossura de 0,5 centímetros, pois é a fase em que os «cebolos» possuem 3 a 6 milímetros de diâmetro.

Esta espessura é a mais vantajosa, pois se forem mais finas dão origem a bolbos pequenos e podem espigar mais cedo.

Para facilitar o arranque com a pá temos de regar o viveiro um ou dois dias antes da transplantação. Não se devem despontar as folhas na altura da transplantação, pois há o risco de apodrecerem.

Quando às raízes devem ser cortadas as que estiverem partidas e esmagadas.

Em cada rego as plantinhas devem ser colocadas com as raízes para baixo, como é natural e a parte aérea fica encostada a um dos lados. Ao abrir-se o rego seguinte a terra que dele se retira deve ser utilizada para tapar o anterior, havendo necessidade de se aconchegar com cuidado as plantas de maneira a ficar bem em contacto com elas.

É muito importante também não esquecerem de que a seguir à transplantação se deve fazer uma rega abundante mas sem provocar arrastamentos.

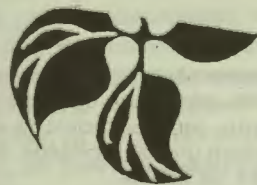
As transplantações devem, no nosso País, serem feitas:

- a) — *No Norte*:
De Dezembro a Abril
- b) — *No Centro*:
De Novembro a Julho
- c) — *No Sul*:
De Novembro a Fevereiro

12) DEBASTES

Devem fazer-se sempre que a sementeira seja no local definitivo. Tem como finalidade eliminar a concorrência entre as jovens plantas, ficando, mais ou menos, à distância de 15/18 centímetros em cada linha, conforme o tamanho normal dos bolbos de cada variedade.

(Continua na pág. 10)



BATATA SEMENTE
DE ALTA QUALIDADE!
PRODUZIDA NA HOLANDA!

COOPERATIVA OBTENTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
CARACTERÍSTICAS PARA PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS (- VERMELHAS: Asterix, Bartina,
EM PORTUGAL (Cleopatra
(- AMARELAS: Berber, Concurrent,
(Frisia, Mansour, Obelix, Ukama,
(Van Gogh



DE Z.P.C.: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. — PORTUGAL, LDA.

Apartado, 259

Telefax (034)311912

3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)

Esta operação deve ser feita na altura oportuna, sobretudo quando os bolbos são grandes e lisos, se assim não for corre-se o risco de prejudicar a qualidade final do produto.

13) SACHAS:

São essenciais não só no viveiro, como no local definitivo, servindo para romper a crosta superficial, manter a humidade do solo, e facilitar o arejamento na camada onde se desenvolve o sistema radicular, impedindo o desenvolvimento e a concorrência das más ervas.

O número de sachas depende do solo e dos agentes climáticos. Duma maneira geral a primeira sachas nos viveiros tem lugar mais ou menos 3 semanas a seguir à germinação.

No local definitivo serão necessários 2 ou



MULTIPLANTA
Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.

VIVEIRISTA
PÉPINIÉRISTE

MORANGUEIROS

ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS
MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DOUGLAS®
E CHANDLER®
(LICENÇA ZANZI-ITÁLIA)

ACTINIDIAS (KIWIS)

OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE
NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES

TELEF. 42197 3060 CANTANHEDE

3 sachas se o tempo decorrer normal. Estas devem ser feitas com cuidado para não ferirem os bolbos.

14) MONDAS QUÍMICAS:

Atendendo à falta de mão de obra há cada vez mais necessidade de se utilizarem herbicidas para o combate às más ervas que atacam esta cultura.

Há diversos herbicidas selectivos para esta cultura mas o mais vulgarizado tem como matéria activa o «linurão» mais concretamente o «Afolon». Este herbicida é de aplicação em pré-emergência, isto é, desde a sementeira à germinação.

A dose de aplicação do Afolon em cebola transplantada é de 1 a 1,5 Kgs de produto comercial por hectare. Normalmente aplica-se cerca de 8 a 15 dias após a plantação, as plantas devem estar sãs e bem pegadas.

Há também herbicidas para aplicação em pós-emergência das infestantes como seja o Aretit que é um produto à base de acetato de dinosebe. Usa-se uma dosagem de 4/Kgs por hectare e depois de formada a 3.ª folha verdadeira em cebola de sementeira ou depois do vingamento da transplantação em cebola plantada.

15) REGAS:

A cebola considera-se uma cultura com exigências médias de água.

O volume e a frequência das regas dependem da maneira como decorre o tempo.

Na cultura de verão são necessárias dum maneira geral 10 a 12 regas, de 300/400 m³ por hectare, durante o seu ciclo vegetativo.

As melhores regas são as de aspersão e a seguir as de infiltração. O Alagamento pode provocar o apodrecimento dos bolbos.

Não se devem regar logo que se inicie a maturação dos bolbos, pois deste modo diminuímos o poder de conservação dos mesmos.

«A cebola que menos se rega é a que melhor se conserva»

Há uma operação que deverá ser feita cerca de mês e meio antes da colheita que é dobrar ou torcer as plantas que se apresentam com o colo bastante espesso e a folhagem exuberante para se dificultar o desenvolvimento da rama e criar condições para acelerar o crescimento dos bolbos.

16) PRAGAS:

As pragas que mais vulgarmente costumam atacar esta cultura são:

- a) Mosca da cebola
- b) Tripes
- c) Traça e gorgulho.

a) MOSCA DA CEBOLA:

É a praga que maiores prejuízos causa nesta cultura.

É no estado larvar que mais se faz sentir a sua acção nociva. As larvas roem não só as folhas como os próprios bolbos.

Quando os ataques são intensos nesta fase, chegam a causar perda total da cultura.

No interior dos bolbos as larvas escavam túneis, acabando por provocar o apodrecimento. Esta acção do insecto pode continuar mesmo a seguir à colheita.

A mosca da cebola pode dar 3 gerações por ano.

Um dos primeiros sintomas das plantas

são o amarelecimento da extremidade das folhas.

Como métodos preventivos, para o seu combate aconselha-se não cultivar a cebola no mesmo talhão sem decorrerem, pelo menos, 3 a 4 anos e fazer a desinfectação do solo com sulfureto de carbono à razão de 30 gramas por metro quadrado.



estrela
adubo

FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, L.D.A.
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO

Composição:		Plano de adubação
Nitrogénio (N)	25 a 30	3,3 unidades por gram
Matéria orgânica (%)	30 a 70	
Azoto total (N) (%)	2,0 a 6	
Fósforo P ₂ O ₅ (%)	2 a 6	
Potássio K ₂ O (%)	3,0 a 3	
Carbono (C) (%)	30 a 60	
pH	6 a 7	
C.N. 12 a 25		

ESTAMOS DESENVOLVENDO
A MINHOCULTURA

CONSULTE-NOS

Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telef. 53385 Adubos P
Tel.: (032) 91282 - 91283
Apart. 48 Viatito 3500 VISEU

50Kg.
KILOS

O tratamento curativo pode ser feito com a utilização do «Decis» uma dose de 50 cm³ em 100 litros de água, isto na fase inicial de ataque e na fase mais adiantada usando «Digor» à razão de 100/150 cm³ em 100 litros de água. O «Decis» pode ser substituído pelo «Thiodan» desde que seja aplicado, pelo menos, um mês antes da data da colheita.

b) TRIPES:

Também aparecem com alguma frequência. São pequenos, com cerca de 1 milímetro de comprimento, com curto ciclo de vida e reproduzem-se com grande facilidade. Atacam a parte aérea da cebola.

Podem ser combatidos com os mesmos produtos indicados para a mosca da cebola.

c) TRAÇA-GORGULHO


São pragas que atacam com pouca intensidade esta cultura. Os seus combates podem ser feitos com a utilização dos produtos anteriormente referidos para as duas pragas indicadas.

17) DOENÇAS:

As principais doenças que atacam esta cultura são;

- a) Míldio
- b) Ferrugem
- c) Morrão
- d) Podridões, branca e negra
- e) Podridão cinzenta

(Continua no próximo número)



TECNICANTO

ESTUFAS E EQUIPAMENTOS
SISTEMAS DE REGA E AQUECIMENTO
SEMENTES E AGRO QUÍMICOS
ALPORQUES, BOLBOS E ESTACAS
MOTORES E ALFAIAS AGRÍCOLAS
PLÁSTICOS E PERSINTAS
TELAS E FIOS
MÁQUINAS PARA FLORES E OUTROS

DIRECÇÃO TÉCNICA:

ANTÓNIO MANUEL DA ROCHA LEBRE
eng.º téc.º agr.º

MORADA: TELEFONE:

Rua do Sul (034) 32 12 91
Gafanha de Aquém

3830 ILHAVO

O MUNDO EM QUE VIVEMOS Por E. REAL

UMA ROSA PEQUENINA

É pequenina, sim. Pequenina e frágil, mas há nela uma força interior que transparece no seu olhar determinado e firme, na total concentração com que se entrega à corrida, quilómetro após quilómetro, em direcção à meta. Então, a figura franzina como que se agiganta, adquire uma tal grandeza que galvaniza as multidões. Que o digam os guardas da segurança de Seul que, surpreendentemente, quebraram a sua tradicional impassibilidade de orientais para a aplaudirem com visível entusiasmo.

E quem não se lembra da «garra» com que, numa outra corrida e num outro lugar, após ter cortado a meta, vencedora, tomou das mãos de um assistente a bandeira de Portugal e com ela bem erguida deu uma volta ao estádio, enquanto a assistência, em pé, a aplaudia em delírio?

É pequenina, sim. Segundo se lê no semanário «O Jornal» de 30 de Setembro último, os norte-americanos também assim lhe chamam, carinhosamente: — a revista «Time» apelida-a de «terror pequenino» e a «newsweek» refere-se a ela como «a pequenina Rosa Mota»...

É pequenina, sim. Mas quem pode esquecer que por ela a nossa bandeira se eleva, triunfante, sob céus longínquos e o nosso hino ecoa em terras estranhas e distantes?

Estamos em crer que, mesmo aqueles que aparentam uma certa indiferença por «estas coisas», não conseguem evitar um estremecimento de emoção, uma pontinha de orgulho, quando a bandeira verde-rubra se ergue lentamente, lá longe, do outro lado do mundo, ao som dos solenes compassos de «A Portuguesa» escutados em respeitoso silêncio por uma vasta e heterogénea multidão.

É pequenina, sim. Pequenina e simples. E é com a simplicidade dos que são verdadeiramente grandes a brilhar-lhe no sorriso franco e no olhar límpido, que nos fita através da TV, lá do seu lugar cimeiro do pódio.

Então, todos nos sentimos um pouco «lá», irmanados na mesma emoção, no mesmo sentimento, e podemos verificar como, em momentos destes, é verdadeira a afirmação de Richard Bach:

NÃO HÁ LONGE NEM DISTÂNCIA...

POSTO NÁUTICO

As perspectivas para a construção de um posto náutico para o Clube Náutico de Fão são cada vez melhores, uma vez que o terreno em vista já foi negociado pela Câmara Municipal. Para além do Posto Náutico, a área disponível permitirá a construção de outras infra-estruturas nomeadamente um poli-desportivo e um campo de ténis. A Confraria do Bom Jesus também ficará ou disporá de terreno para as festas do Senhor de Fão.

O problema agora vai estar na burocracia, na acção dos arquitectos e em mil pormenores que verdadeiramente empecem as obras do concelho. Haja em vista os atrasos com os arranjos do Priorado e com o célebre mercado das Rodas.

Não será possível marcar prazos aos técnicos de arquitectura? A propósito, já foi adjudicado a execução do projecto para os arruamentos de acesso ao mercado de Fão. Parece que a obra tem interesse. Vai haver um viaduto de passagem para o lado do mar. Por sua vez o mercado vai ter escadas em anfiteatro o que confere ao local uma certa polivalência, isto é, uma capacidade que ultrapassa a simples função de mercado.

Estes «vai haver» e «vai ter» quantos anos demorarão?

Sopete adjudica zona de jogo

A Sopete, proprietária do Hotel Ofir, ganhou de novo a concessão de jogo do casino da Póvoa de Varzim.

Os dias que precederam a abertura das propostas dos concorrentes à zona de jogo na Póvoa de Varzim foram de grande tensão para todos os poveiros. As contra-partidas que a Sopete oferecia eram as maiores e a zona foi-lhe adjudicada pelo prazo de vinte anos.

Congratulamo-nos com o feliz desfecho, tanto mais que a Sopete é uma empresa sui generis onde os dividendos para os accionistas são preocupação de menos relevo.

Como se sabe também, o concelho de Esposende vai ser um dos beneficiados com as receitas provenientes do casino da Póvoa, juntamente com Barcelos e Vila do Conde. Será preciso apresentar projectos de interesse turístico.

Para já nós avançamos quatro: Campo de golf em Ofir, marina na foz do Cávado, fiscais para o pinhal de Ofir (a porcaria não pode ser maior) e animadores das zonas balneares.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE NÚMERO
Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Florinda
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva


REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150


COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

NOVA GERÊNCIA



Calatrava
albergaria ★★★★★ 

Gasthaus ★★★★★
Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Fiúza Júnior, 157 — Telef. 22011 - 27434 — Telex 33331 Latrav — 4900 VIANA DO CASTELO

Chegou a hora de as populações ajustarem as contas

Em Joane, freguesia do concelho de Famalicão a população destruiu as condutas de uma tinturaria onde circulavam águas inquinadas.

A operação foi levada a cabo por cerca de 50 pessoas, a coberto da noite, com recurso a pás, picaretas e outros utensílios.

Um dos participantes na acção desmanteladora disse ao «JN» que tiveram «de actuar de forma tão drástica mas acontece que não poderemos continuar a permitir que os detritos despejados pela tinturaria no ribeiro venham a inquinhar a água que consumimos e a comprometer as obras de abastecimento domiciliário a Joane».



por ZINHA

Hoje, da minha varanda, quero falar contigo, Senhor!

Sabes como gosto de falar, de te agradecer e de te pedir se me podes perdoar!

Perdoas, eu sei!

Perdoas quando me apetece magoar, porque alguém que não devia, me magoou, perdoas quando me apetece gritar porque alguém me não viu...

Sentiste como fiquei tão aborrecida só porque uma unha se me partiu? Como fiquei desapontada porque o esquentador se desarranjou?

Esquece, Senhor!...

E ainda há pouco aquela insinuação que me feriu! Não ma pudeste evitar, Senhor? Ajuda-me a entender a Tua vontade...

Lembras-Te como ontem reagi? Como do mal eu fui capaz de rir, como procurei fingir, e como depois não pude desmentir porque me lembrei de Ti?

Perdoa, Senhor!

E quando eu tenho vontade de ter outro cabelo que não este, outra vida que não esta?! Aqui ficas triste certamente, Senhor, mas deixa lá, eu já estou bem, já entendi que eu sou eu e não posso ser mais ninguém...

Tantas coisas me dás!

Obrigado, Senhor!

Obrigado pela vida que todos os dias mandas para mim, pela força que me dás para trabalhar, pela energia que pões nos meus braços, pelo calor que colocas no meu coração, pelo sorriso que depões nos meus lábios para cumprimentar pelo muro do meu quintal que esconde a roupa a secar, pela refeição saborosa que às vezes consigo apresentar, pela alegria do que contigo posso experimentar...

Obrigada, fica comigo, Senhor!

Arquitecto Alcino Soutinho

O nosso prezado assinante arq. Soutinho juntamente com Stza Vieira estão incluídos no grupo de finalistas candidatos ao Prémio de Arquitectura das Comunidades Europeias.

O júri que esteve recentemente reunido em Barcelona procedeu a uma primeira selecção de 24 obras entre as quais se inclui o Palácio de Congressos de Matosinhos, da autoria deste velho frequentador da praia de Fão.

Ao enviar-lhe as nossas saudações, queremos que elas sejam extensivas à nossa colaboradora Cecília Amorim, grande amiga de Fão e do nosso jornal.

BOMBEIROS DESFEITEADOS

Na segunda-feira, 24 de Setembro, duas carinhas peçadas de homens de semblante pouco amistoso, pararam junto ao Quartel dos Bombeiros.

Eram perto das 9 horas. Dois deles entram no edifício da Corporação e postam-se junto ao botão de alarme da sirene. Outros dois guardam o telefone e assim o Quartel fica isolado do exterior. Até parecia um assalto. Identificam-se as personagens. São agentes da judicatura e funcionários dos S.R.E. que vem retirar a aparelhagem da parabólica. Entretanto chega o Presidente Abel da Costa que dois homens da polícia foram tirar à cama. Era para dar um ar de legalidade.

Discute-se, barafusta-se, mas os homens das brigadas já estão habituados aos arranques e lá ar-

rancaram e levaram consigo peças fundamentais para a recepção da imagem do estrangeiro.

O mais lamentável é que o mandado de busca baseava-se nos art.os 174 e 176 que dá direito à entrada em instalações que se presume serem centro de actividades criminosas ou terroristas. Um quartel de bombeiros...

Ninguém percebe esta sanha do Governo contra as parabólicas. Na Póvoa, por motivo idêntico, foi o fim do mundo. Resta-nos a consolação que antes das eleições tudo se resolverá.

Se o Governo mandasse idênticas brigadas para prender todos os industriais que despudoradamente nos poluem o rio Cávado, aí sim, aí é que o Governo mostrava a sua determinação.

POSTAIS DA NOSSA TERRA

Por GUIM MUATA

XI — JUNTA DE FREGUESIA

Lemos, há dias, que está em construção o novo edifício para a Junta de Freguesia de Apúlia, bem como também lemos que concedeu o Governo mais uma não muito avultada verba para a construção de cerca de duas centenas de sedes de Junta de Freguesia. Não consta que, nessas duas centenas, tenha sido incluída a Junta de Freguesia da nossa Terra.

Também não consta que quaisquer diligências tenham sido feitas nesse sentido, embora, como é do conhecimento geral e facilmente possa ser comprovado, esteja a nossa Junta de Freguesia instalada num cubículo mais que precário, sem quaisquer condições para a sua boa funcionalidade e, muito especialmente, pouco digno para a importância que, queiram ou não queiram, já tem a nossa Terra.

Há, pois, que pensar em mais condignas instalações para a nossa Junta de Freguesia. Porque não pensar, por exemplo, na casa da família Vila-Chã — onde tem estado instalado o «Grupo dos Amigos de Fão», hoje inactivo —, casa de porte senhorial, no centro da Vila, única em Fão?

Depois das indispensáveis obras de restauro e adapção — claro está sem interferir na sua traça arquitectónica —, ela permitiria, sem dúvida, a condigna instalação da Junta de Freguesia da nossa Terra, além, da Assembleia de Freguesia e outros quaisquer serviços de que a nossa Terra viesse a ser dotada, como a Biblioteca, etc.

A ideia não é nova, embora, julgamos, nunca tivesse sido posta no papel. Ela aqui fica, competindo à Câmara Municipal agarrá-la e dar-lhe concretização ou deixá-la passar, se vê que a nossa Terra tal não merece.

JARDIM

*O meu coração encerra
Um sonho cor do jasmim,
Possui sementes e terra
Para fazer um jardim.*

*Mas um jardim onde as flores
Com formas humanizadas
Espalhem os seus olores
Pelas almas irmanadas.*

*Há plantas de olbos fagueiros,
Perfumados, pequeninos,
E ao redor dos seus canteiros
Cantam velhos e meninos.*

*E bailam em carrocel
As abelhas de mansinho...
A lembrar que há outro mel
Na alma que tem carinho.*

*Neste jardim humanado,
A terra é feita de pão,
E o perfume transformado
Em amor a cada irmão.*

DINIS DE VILARELHO

AVENÇA



PORTE
PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO